

LIDERANÇA E HISTORICISMO

MARCELLO JOSÉ GOMES LOUREIRO

Aspirante da Escola Naval

SUMÁRIO

Introdução

Homem e sociedade: Uma discussão historiográfica

As variações epistemológicas no modelo de líder através dos tempos

A importância das ciências humanas

INTRODUÇÃO

Atualmente, a liderança é um fator preponderante para a manutenção e a produtividade de quaisquer sistemas. O gerenciamento de recursos humanos requer a capacidade de extração da máxima potencialidade dos membros do grupo para sua contribuição à consecução dos objetivos comuns. A problemática está, contudo, nos meios de se transformar a capacidade potencial em capacidade real, em outras palavras, no desenvolvimento da potencialidade do indivíduo.²

Mas é exatamente nesse ponto que se encontram problemas mais profundos. Que tipo de líder deve ser formado? Como esse líder deve atuar? Quais instrumentos teórico-metodológicos devem ser utilizados na formação desse tal líder? E o que é ainda mais complicado: será que uma formação comum resultará em homens que possuam no mínimo uma linha genérica de características análogas?

Não tenho a pretensão de responder a perguntas tão complexas neste curto ensaio. Ao contrário, procuro uma reflexão inicial acerca da liderança pensada por es-

sas vias, acreditando que tal é básica para melhor construção do modelo de líder que se deseja.

Também as informações e observações que se seguem não são direcionadas exclusivamente à liderança militar. Dessa forma, as considerações foram expandidas, até para que as conclusões fossem amplas e genéricas.

HOMEM E SOCIEDADE: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

Tradicionalmente, pensava-se que os grandes homens, por iniciativa própria e livre, construíam sua sociedade e, por conseguinte, a história de sua civilização. Essa percepção e valorização do poder da ação humana sobre o mundo tem uma raiz forte na gênese da modernidade, período rotulado sob o termo Renascimento. Entretanto, na historiografia, após recuos e avanços, o homem foi admirado como agente motor do mundo somente no século XIX. Foi **Ranke**, um alemão reacionário da história marxista e positivista, que encontrou no homem a explicação da realidade. Conforme o seu método, não havia a necessidade de se investigar causas para os fatos – eles somente precisavam ser descritos; afinal, eram resultado do simples desejo de sábios homens. No dizer do próprio Ranke: *“Atribui-se à história a missão de julgar o passado, de ensinar o mundo contemporâneo para servir aos anos futuros: nossa tentativa não se inscreve nessas missões tão altas; ela busca somente mostrar as coisas realmente como se passaram”*.¹²

Do lado oposto, **Hegel**⁶ afirmava que *“o grande homem de uma época é aquele que sabe pôr em palavras a vontade de sua época e a realiza”*.⁵ Hegel acreditava que o mundo tem leis e mecanismos e que a história é teleológica, ou seja, tem um sentido predeterminado. Assim, cabe ao líder

simplesmente perceber seu mundo circundante e agir conforme uma vontade que não é sua. **Marx**⁶ parece radicalizar a proposição racionalista hegeliana, acreditando que as sociedades têm uma lógica interna e que os líderes são meros produtos de uma estrutura econômica: *“não é a consciência humana que determina o seu ser, mas o seu ser social que, inversamente, determina sua consciência”*. Além disso, como a luta de classes é o motor da história, os líderes ficam escondidos por trás do conceito marxista de classe. Sobre Luiz Bonaparte, sobrinho de Napoleão, assim ele se expressa: *“a luta de classes na França criou circunstâncias e relações que possibilitam uma mediocridade vulgar a pavonear-se com garbo de herói”*.⁵

E sob o enfoque da ação humana, **Comte**⁶ se aproximava de Marx. Seu mecanicismo e cientificismo retiram do indivíduo a responsabilidade pela história, transferindo-a a uma entidade abstrata chamada humanidade.

Tudo isso pode parecer extremamente teórico e desnecessário, mas é fundamental que se perceba definitivamente o pragmatismo atual dessa concepção – quantas vezes deslocamos a responsabilidade de um assassino para a sociedade porque, em última análise, pensamos que foi ela que o criou? **Durkheim**⁶ é que a perpetua na sociologia quando enfoca o coletivo, a sociedade, e não o indivíduo.

O problema é que, ao se reduzir o papel do homem perante as estruturas na análise sócio-histórica, se enfraquece, erroneamente, a importância das lideranças.

Por isso, é interessante a observação dos estudos do sociólogo **Nobert Elias**⁷. Ele propôs uma tentativa mais consistente de compreensão do relacionamento entre o homem e o meio circundante. O meio não é o determinante da ação humana. Todavia, a sociedade cria uma norma cultural e civilizadora⁸ que limita o espaço de atua-

ção e decisão do indivíduo. Assim, a sociedade permite ao líder ter um conjunto de atitudes autônomas, sendo a sua contribuição na história regulada de acordo com o papel de seu *status* social.

Para se chegar à conclusão dessas abordagens iniciais, é preciso ainda se ater ao conceito de **historicismo**. Embora tal conceito tenha vários significados, interessamos aquele dado por **Meinecke**¹⁶.

Historicismo é a noção de que cada época, cada sociedade, tem suas especificidades próprias. E são esses mecanismos sociais particulares – espacial e temporalmente – que atribuem significado e valor a determinadas características ou objetos.

Ocorre assim um certo relativismo: até a verdade fica circunscrita ao instrumental social.

As épocas não podem então ser deliberadamente comparadas (não seria correto afirmar que uma cultura é melhor que outra; cada uma mantém seu significado conforme seu próprio contexto). E se cada época é específica, em decorrência, há uma crise do mecanicismo histórico: sem leis pre-determinadas, a história pode ser influenciada por líderes de maneira mais concreta.

Meinecke assim se expressa: “*a medula do historicismo está na substituição de uma consideração generalizadora das forças humanas por uma consideração individualizadora*”.¹⁶

Já construímos, portanto, um pressuposto teórico acerca da participação do líder na sociedade. Resta-nos indicar melhor uma resposta à questão: **qual a origem dos valores individuais?** Não

podemos simplificar nossa análise ao marxismo, até porque ele subestima nosso objeto de estudo. Também não seria correto acreditarmos que a mentalidade e o comportamento humano são um resultado genético, uma vez que tal pressuposto faria da liderança um processo inato (o que empiricamente se sabe que não é) e faria da história a simples vontade individual – como propôs Ranke.

É sensato que se estabeleça, portanto, uma interação entre indivíduo e estrutura, como propuseram os historiadores franceses **Marc Bloch**⁴ e **Lucian Febvre** e o próprio **Elias Nobert**. O indivíduo tem características próprias, mas ao mesmo tempo fortes determinações externas, como sua língua.

No entanto, a influência do contexto no homem não é algo imposto de forma estanque e rígida no momento de seu nascimento. Opostamente, é essencial percebermos a dinâmica desse relacionamento.

A penetração das características conjunturais no líder depende então do modo como esse relacionamento se estabelece, instantaneamente: o líder “influencia a influência” que sua sociedade realiza, conforme a percebe e, sobretudo, a encara.

AS VARIAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NO MODELO DE LÍDER ATRAVÉS DOS TEMPOS

Por meio da história podemos transpor nossas conclusões de modo a verificarmos os diversos modelos de líderes formados a partir da interação dialética indivíduo/sociedade. A partir de então faço uma abordagem histórica sobre as diversas

O líder “influencia a influência” que sua sociedade realiza, conforme a percebe e, sobretudo, a encara

epistemes que caracterizaram líderes em suas épocas.*

Em linhas genéricas, a Antiguidade¹⁷ foi marcada pela organização de diversas civilizações e também por guerras constantes e adoração a deuses relacionados às práticas e sentimentos humanos (como o Deus da agricultura e do amor) e aos elementos da natureza (como o sol e a tempestade). Assim, esse momento propiciou o surgimento de líderes militares, bem como de líderes teocráticos (o faraó egípcio é maior exemplo), dependendo dos costumes de determinada civilização.

Alexandre Magno foi um dos maiores líderes militares desse período. Ele destacou-se pela sua capacidade organizacional, por suas inovações estratégicas e táticas, incorporando, inclusive, forças navais em suas manobras. Também estabeleceu relações entre o Ocidente e o Oriente, disseminando a civilização grega por vastas regiões devido às conquistas de seus exércitos¹⁴.

Por outro lado, para os gregos atenienses e romanos, o conceito de líder não esteve ligado estritamente a feitos militares. Para os gregos atenienses, o grande homem deveria apreciar a virtude, o conhecimento e o questionamento, a exemplo dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Para os romanos, o grande líder era o que se aproximava dos altos cargos no funcionalismo público e que tinha o reconhecimento do Imperador – por sinal, este era, por vezes, o próprio deus encarnado. Por exemplo, Júlio César, que além de soldado era estadista, descreveu seu próprio estilo de liderança em terceira pessoa: *“A situação era crítica e como nenhuma reserva estava disponível, César tomou o escudo de um soldado da retaguarda e abriu*

*o caminho para a linha de frente. Ele se dirigia a cada centurião pelo nome e gritava palavras de encorajamento para o restante da tropa, ordenando-o a avançar e abrir fileiras, de modo a facilitar o uso das espadas. Sua chegada revigorou o ânimo e a esperança. Cada homem, sob as vistas de seu comandante, procurou dar o melhor de si, apesar do perigo*¹⁴. César foi o maior soldado de Roma, sendo sua imagem tão mistificada que seu nome transformou-se em título para imperadores romanos e para chefes de Estado.

Nesse período, um comerciante dificilmente foi considerado e para um simples agricultor ser um homem notável era algo praticamente inatingível.

Com a decadência e a queda do Império Romano Ocidental (476 d.C.) ocorreram a formação, o apogeu e o declínio do sistema feudal³, estruturado a partir de três ordens sociais: os camponeses (com a função de trabalhar), a nobreza (dedicada ao combate) e o clero (responsável pela ponte entre o homem e Deus – daí o Papa ser chamado de Pontífice).

É fácil entender que o camponês permaneceu sem a oportunidade de se demonstrar socialmente. Entretanto, a camponesa Joana D’Arc conseguiu se projetar utilizando bases místicas. Ela liderou “como um homem” o Exército francês durante a Guerra dos Cem Anos. Não existe nenhuma evidência de que ela possuísse compreensão de tática, estratégia ou mesmo dos princípios mais elementares das operações militares. Na verdade, ela compreendia e revelava a liderança, impregnada dos valores religiosos medievais, comandando à frente da tropa; reconhecia ter mais

* É importante frisar, porém, que minha análise é superficial devido à inviabilidade de uma abordagem mais aprofundada de cada época. Também ressalto que se faz ainda necessário, para um entendimento mais completo acerca desse tema, o estudo de algumas macroinfluências de longa duração na formação humana, como, por exemplo, a religião.

valor como símbolo no imaginário de seus soldados do que como combatente. Foi queimada viva e, em 1920, canonizada¹⁴.

Mas, para ser consagrado homem de honra, também não bastava pertencer à nobreza ou ao clero. O nobre deveria ser armado cavaleiro, possuir grandes extensões de terras, ater-se à moral católica, ser um homem firme e corajoso para que pudesse eliminar invasores nórdicos e magiares, destruir os infiéis muçulmanos e personificar, então, as funções sociais e o aparelho de Estado, para que, finalmente, diversas lendas fossem criadas em torno de sua pessoa. Por exemplo, consta que o rei franco Meroveu destruiu uma temível serpente marinha e que Carlos Magno venceu os gigantescos exércitos dos muçulmanos e hunos, quando, na verdade, derrotou as fracas tropas dos bascos e ávaros.

Analogamente, para ser um expoente religioso não era suficiente rezar, era preciso fazer peregrinações a lugares inóspitos, aglutinando fiéis a sua volta, como fez o monge inglês São Bonifácio na Alemanha. Ou obtendo sucesso com novas regras em mosteiros, como fez São Bento, que incorporou o trabalho monástico; ou, ainda, como fez São Tomás de Aquino, reinterpretando o materialismo aristotélico.

Na passagem do feudalismo para o capitalismo, estruturou-se a sociogênese do mundo moderno. As três ordens feudais se flexibilizaram com o desenvolvimento das cidades; houve uma ruptura na hegemonia do catolicismo com a "reforma protestante" que também se soma ao processo de secularização e imanência. O homem começou a se auto-enxergar como um agente ativo no próprio destino e, conseqüentemente, na sociedade. Com maior tranquilidade social, as pessoas urbanas passaram a se observar mais, exigindo um aprimoramento dos costumes⁸ — essa é a origem do processo civilizador, nos séculos

XV e XVI. Tudo isso gerou um forte relativismo nos valores sociais, o que, por conseqüência, ampliou a essência da definição de liderança. Entretanto, devido à diversidade de valores, esses líderes não têm mais um público imenso e sim atuam a nível nacional ou mesmo de forma mais restrita, dentro da classe a que pertencem, ou, ainda, têm mérito somente na linha de pensamento que defendem.

Além disso, firmaram-se novos grupos sociais: *o burguês*, que se destacava se fizesse fortuna, conquistasse mercados e se transformasse em um togado (a exemplo dos Fuggers na Alemanha); *o navegador*, notável aventureiro que se eternizou por suas descobertas e conquistas, como por exemplo Vasco da Gama; *os artistas*, como Leonardo Da Vinci e Miguel Ângelo; e *os escritores*, como Luís de Camões e Shakespeare. É interessante notar que algumas vezes esses renascentistas não foram reconhecidos instantaneamente ou somente o foram anos após de falecidos, como o cientista Galileu, que quase foi queimado vivo pela Igreja Católica da época. Tal fato é compreensível, pois na consciência dos homens viviam o conflito e a transformação, não estando ainda definidos os parâmetros que o mundo moderno exigiria a respeito do grande homem.

Mais tarde, no século XVIII, terão a "luz do sucesso" os filósofos iluministas e os burgueses revolucionários, como Robespierre¹⁰. Os filósofos das luzes transmitiram seus exemplos de forma teórica, acreditando na **razão**, no progresso (racional) da humanidade e no eurocentrismo. O exemplo não se destinava a seguidores individuais, mas, de certo modo, a toda humanidade: a Europa, considerada centro do mundo e berço da civilização ocidental, deveria espalhar seu desenvolvimento para povos que se encontravam em níveis mais primitivos. Esse pensamento é que

justificou o imperialismo europeu sobre a África e a Ásia nos séculos XIX e XX.

No século XIX, foi a vez dos libertadores das colônias americanas (Simon Bolívar e Pedro I, por exemplo), dos filósofos racionalistas, como Marx, ou positivistas, como Comte, e dos cientistas incompreendidos, Darwin e Freud. Embora os parâmetros sociais tenham passado por mutações, os grandes guias militares mantiveram a oportunidade de demonstrar seu exemplo, como Napoleão e Tamandaré. Napoleão dominou a vida política e militar da Europa por mais de duas décadas. Sua capacidade militar aplicada àquelas circunstâncias instáveis o levou a conquistar a maior parte do continente e a estender o controle da França até a África. Ele não só conquistou um enorme território como também exportou suas idéias, técnicas militares e políticas, influenciando exércitos e governos em todo o mundo. Assim se firmou como um dos grandes líderes militares da história.

Joaquim Marques Lisboa lutou ativamente pela integridade territorial durante o Império do Brasil, tendo estado à frente da pacificação de diversos movimentos contestadores da ordem imperial. Concebeu em amplas dimensões o emprego conjunto da Armada e do Exército, além de orientar a construção de dez navios para a navegação fluvial¹⁴.

Já os ícones do século XX dispuseram de um recurso fmpar para conseguirem sua autopromoção: eles utilizaram os modernos meios de comunicação de massa para liderarem¹⁵. Poderia destacar figuras importantes dessa época, como Getúlio Vargas e Adolph Hitler, que difundiram seu carisma através do inigualável poder da imprensa e

da propaganda. Graças a essa mesma imprensa, que é capaz de glorificar ou derrubar um indivíduo, é que hoje temos ídolos no esporte, artistas de televisão e cinema, músicos que, muitas vezes, ultrapassam seu valor profissional, tornando-se exemplos de vida para o resto da população.

Após a Segunda Guerra Mundial, um homem passou a ter grande destaque na Índia: **Mahatma Gandhi**. Ele lutou contra a discriminação social e o sistema de castas e desenvolveu o princípio do Sathyagraha, que propunha a desobediência civil não violenta como forma de resistência a regimes opressores. Porém, a partir do momento que Gandhi praticou uma política tolerante com os muçulmanos, dando exemplos contrários a sua realidade cultural, foi as-

sassinado por um fanático indiano.

Assim, o indivíduo mais consciente da sua própria situação é também o mais capaz de transformá-la

A IMPORTÂNCIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Notou-se que a tentativa de abordar de modo sistêmico o modelo de líder é complexa na medida em que é necessária uma análise prévia do contexto que se focaliza. Percebeu-se também que a única forma do indivíduo não ser mero fantoche no jogo social, mas também de nele atuar, é ter consciência de seu papel na figuração em que está inserido. O grande homem é o que representa e cria forças sociais. É produto e agente no processo histórico; ele não está fora da história e nem aparece do nada para interromper sua continuidade natural; é aquele que tem a perspicácia para reconhecer que exemplo deve transmitir. Assim, o indivíduo mais consciente da sua própria situação é também o mais capaz de transformá-la... A capacidade do homem de se erguer acima de sua situação social e

histórica parece estar condicionada pela sensibilidade com que reconhece a extensão de seu envolvimento nela⁵.

E aqui está o ponto nevrálgico desse ensaio: o líder deve compreender de fato seu contexto social e, para tal, é fundamental o aprendizado das ciências humanas. Esse conhecimento permitirá mais facilmente ao líder seu posicionamento diante do cenário social, fazendo-lhe perceber seu espaço de atuação e as características impostas pela lógica social que o cerca. O indivíduo que não detém esta percepção será mais decisivamente influenciado pela sociedade e terá sua atuação mais limitada (nesse caso, sendo mero produto, como acreditava Marx).

Percebe-se ainda que líderes podem ser considerados marginais por levarem às pessoas exemplos que não condizem com sua realidade, como aconteceu com os cientistas do período renascentista. Afinal, a sociedade procura limitar os seus homens eleitos de tal maneira que eles permaneçam adequados a sua norma cultural; caso contrário, ela buscará ofuscá-los ou até mesmo eliminá-los, como ocorreu com Gandhi.

Finalmente, um determinado sistema, se desejar o apoio de seus membros, deve procurar orientar cuidadosamente o relacionamento dinâmico líder/sociedade com o propósito de melhor alcançar seus objetivos com eficiência, eficácia, maior produtividade, maior qualidade e maior satisfação.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<VALORES> /; Liderança /; Historicismo; Ranke; Hegel; Marx; Comte; Durkheim; Elias; Norbert; Heinecke; Bloch, Mark; Febvre, Lucian;

BIBLIOGRAFIA

1. BARBOSA, Afonso. *Manual de liderança*. Escola Naval, 1996.
2. BERGAMINI, Cecília W. *Liderança: Administração do Sentido*. Ed. Atlas, 1994.
3. BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1998.
4. _____. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
5. CARR, Edward H. *Que é história?* São Paulo: Paz Terra, 1996.
6. COLLINGWOOD, R. G. *A Idéia de História*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
7. ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte – Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
8. _____. *O Processo Civilizador (2vols)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
9. FALCON, Francisco. *A Formação do Mundo Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
10. FURET, François. *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
11. HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
12. HOLANDA, Sérgio B. de. *L. Von Ranke*. Rio de Janeiro: Editora Ática, s/d.
13. HOOK, Sidney. *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1962.
14. LANNING, Michael Lee. *Chefes, Líderes e Pensadores Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.
15. MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martin-Claret, 1999.
16. MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su génesis*. México: Fondo de cultura económica, s/d.
17. PETIT, Paul. *História Antiga*. São Paulo: Difel, 1971.



Serviço de Documentação da Marinha



O SDM é o órgão responsável pela memória da Marinha. O Serviço de Documentação tem como atribuição estudar, pesquisar e divulgar a história marítima brasileira e conservar o patrimônio histórico e artístico da Marinha do Brasil.

Criado em 1943, o SDM reúne atualmente sete departamentos, distribuídos em cinco prédios históricos:

- *na Sede Ilha das Cobras funcionam os Departamentos de Arquivo, de História Marítima, de Publicações e Divulgação e de Administração;*
- *na Rua Dom Manuel (Praça XV) fica o Museu Naval;*
- *no Espaço Cultural da Marinha estão atracados o Navio-Museu Bauru, o Submarino-Museu Riachuelo e o Rebocador-Museu Laurindo Pitta;*
- *na Rua Mayrink Veiga está a Biblioteca da Marinha;*
- *o SDM abrange ainda a Ilha Fiscal – local onde foi realizado o Último Baile do Império.*

Empenhado nesta árdua tarefa, o SDM tem desenvolvido, a cada ano, novos projetos, buscando maior interação entre a Marinha e a sociedade. Como resultado deste trabalho, cerca de 300 mil pessoas visitaram o Complexo Cultural da Marinha (SDM) em 2001.